



A peça **A História do Soldado** resulta da colaboração do compositor Igor Stravinsky com o escritor suíço C. F. Ramuz durante o período da Primeira Grande Guerra, em 1918. A história é contada por três actores, um grupo de bailarinos e uma banda de sete músicos. Musicalmente, *A História do Soldado* ocupa um lugar importante na produção de Stravinsky e na história da música do século XX em geral.

Um soldado de regresso à terra em licença de quinze dias, pára para descansar e toca o seu pequeno violino. É interrompido pelo Diabo, disfarçado de velho, que o convence a dar-lhe o violino em troca de um livro mágico que prevê o futuro. O Diabo convida o soldado a ir para casa com ele por três dias para o ensinar a tocar. Quando o soldado finalmente chega à sua aldeia, encontra a namorada casada com outro e toda a gente que o vê, até mesmo a sua mãe, pensa que ele é um fantasma. Percebe que tinha sido enganado – “não foram três dias, foram três anos” – e fica desesperado. Nem mesmo a vasta fortuna que acumulara o consegue animar. Quando o Diabo, desta vez disfarçado de velha, lhe oferece o violino de volta, ele não consegue extrair qualquer som do instrumento. Desgostoso, deita-o fora, rasga o livro e resolve partir. Até que chega a outro país, onde vive um Rei, que tem uma filha presa numa estranha melancolia.



Fundado em 1996 pelos actores Emília Silvestre e Jorge Pinto, o **Ensemble — Sociedade de Actores** é um projeto artístico de criação, experimentação e formação. Tem apresentado espetáculos de autores tão diversos como Molière, Shakespeare, Tchekhov ou Ibsen, Brian Friel, Samuel Beckett, Arnold Wesker, Tom Kempinski ou Jean Cocteau.

DIREÇÃO E COREOGRAFIA direction and choreography **Né Barros** © **MAESTRO** conductor Jan Wierzba © **TRADUÇÃO** translation Leena Marques © **INTERPRETAÇÃO** performance Jorge Pinto © **BAILARINOS** dancers Beatriz Valentim, João Oliveira, Afonso Cunha, Guilherme Vieira © **MÚSICOS** musicians André Gaio Pereira (violino violin), Francisca Sá Machado (contrabaixo contrabass), Frederic Cardoso (clarinete clarinet), Cândida Nunes (fagote bassoon), Telmo Barbosa (trompete trumpet), Tiago Nunes (trombone), Pedro Góis (percussão percussion) © **DESENHO DE LUZ** lighting design José Álvaro Correia © **DESENHO DE SOM** sound design Ricardo Pinto © **CENOGRAFIA E FIGURINOS** set design and costumes Flávio Rodrigues © **PIANISTA CORREPETIDOR** accompanist pianist Bernardo Soares © **ASSISTENTE** assistant Pedro Alves © **APOIOS** support Balletteatro (apoio à residência artística support for artistic residency), Drumming Grupo de Percussão, A Turma © **COPRODUÇÃO** co-production Ensemble - Sociedade de Actores, Teatro Municipal do Porto

Jorge Pinto Interpretação

Esta versão de **A História do Soldado** marca o seu regresso a um texto que já interpretou no passado. Como está a ser visitar esta obra?

JP: Para quem já trabalhou neste espetáculo, como é o meu caso e o do maestro, a grande questão que se coloca é: “Como é que eu estou? O que é que eu aprendi, entretanto?” Eu começo a fazer isto há quarenta e tal anos e lembro-me, ao rever agora, de algumas coisas que aprendi ao longo dos anos. (...) O espectador vai ver um espetáculo de hoje. À medida que avançamos no processo, vamos percebendo (ou não) onde é que ele se torna de hoje. Não há arqueologia em relação às experiências que tive como ator, por exemplo. O texto, a forma de frasear tem um tempo, tem décadas em cima. A comunicação com o público, especialista ou não, tem décadas em cima. Isto é: a relação entre plateia e palco nunca parou. (...)

Excerto de entrevista realizada a 31 agosto de 2021

Né Barros Direção e Coreografia

Que elementos estéticos quis explorar neste espetáculo?

NB: Há algo interessante que esteve subjacente à construção da peça: a história do soldado num contexto de pós-guerra, empobrecido - e essa foi uma ideia que me interessou repensar. O espetáculo tem uma certa nudez, com poucos recursos, do ponto de vista da sua própria construção, principalmente em termos cenográficos. Há esse lado de oferecer o texto, a narração, o corpo, de uma forma menos sofisticada. Isso interessou-me também como elemento de construção do trabalho.

Excerto de entrevista realizada a 2 de setembro de 2021



Jorge Pinto Performance

With this version of **A História do Soldado** you return to a text you’ve performed in the past. How has it been to revisit this piece?

JP: For those who have already worked in this performance, as the maestro and I have, the big issue is: “How am I? What have I learned in the meantime?” I started doing this over 40 years ago, and I remember, watching it once again now, a couple of things I learned over the years. (...)The audience will watch a present-day performance. As we move forward in the process, we gradually figure out (or not) where it becomes present-day. There is no archaeology when it comes to the experiences I had as an actor, for instance. The text, the way of phrasing has a time, has decades on top of it. The communication with the audience, be it expert or not, has decades on top of it. That is to say, the relation between the audience and the stage never ceased (...)

Excerpt from an interview conducted on August 31st 2021

Né Barros Direction and Choreography

What aesthetic elements did you want to explore in this performance?

NB: There’s something interesting that lied underneath the development of the piece: the story of the soldier in a post-War context of impoverishment —that was something I wanted to rethink. The performance is somewhat bare, with few resources as far as construction is concerned, especially when it comes to the scenery. We present the text, the narration, the body in a less sophisticated way. I was also interested in that as we put together this work.

Excerpt from an interview conducted on September 2nd 2021



Ensemble ~
Sociedade
de Actores com with
Né Barros
A História do
Soldado
de by Stravinsky/Ramuz

© José Caldera / TMP